

Façam o impossível para não serem dragados pelo possível!

Carlos Honorato, outubro de 2016.

As eleições de outubro de 2016, no Brasil, mostraram muitas coisas, mas especialmente a podridão da dita “classe política” e o afastamento gigantesco entre a sociedade e seus representantes. Dória, em São Paulo, com seu discurso “sou gestor e não político” e a vitória de vários “vereadores” que fizeram questão de dar as costas para as orientações dos tradicionais partidos políticos parecem ser os elementos mais emblemáticos do que se pode definir como “chinelização” da política. As casas legislativas, de uma forma geral, e também os executivos da gestão pública, estão em uma queda de legitimidade brutal.

Nem no período militar, onde o legislativo se comportava como fantoche e o executivo era recheado de gestores-generais (ou generais-gestores!), o descrédito e o desprestígio era tão grande. Alguns números para balizar o tamanho do descontentamento dos eleitores com o sistema político: a) confiança na ex-presidente Dilma (ainda quando era presidente): 2014: 44% e 2015: 22%; e b) confiança nos partidos políticos (todos) - 2014: 30% e 2015: 17%; c) confiança no Congresso Nacional - 2014: 35% e 2015: 22%. São números impressionantes se comparados com a série histórica nacional e os números de outros países. Isso mostra, sem sombra de dúvida, o tamanho do estrago realizado pela classe política.

A inoperância, incompetência e não confiabilidade das casas legislativas é algo, no mínimo, assustador. Em pesquisa recente, junto à vereadores das cidades da região metropolitana de Porto Alegre os “nobres” vereadores, frente a questão: “ qual é a função do legislativo? ” Responderam, na sua esmagadora maioria (75%), que era “discutir e aprovar as leis e projetos de lei mandados pelo executivo” e, apenas uma minoria (12%) respondeu que era “fiscalizar o executivo e elaborar leis”. Tem-se, portanto, que os vereadores acreditam que sua função é apenas “carimbar” (ou não) aquilo que é mandado pelo executivo. Isto é, no mínimo, trágico e mostra a fragilidade do sistema político como um todo. Paralelamente, os “nobres” representantes do executivo mostram, cada vez mais, suas limitações e seus comprometimentos mal cheirosos, pois o que mais se vê, hoje, é “município quebrado”. Por outro lado (sempre tem o outro lado), os CCs são cada vez mais numerosos e os “amigos” (alguns chamados de “cabos eleitorais”) têm sido agraciados com uma “renda pública para pagar o leite das crianças! ”. Não existe ligação mais promiscua e mais deletéria do que o prefeito (ou a prefeita) e seus CCs desocupados e “amigos” encostados!

Qualquer município com menos do que 100 mil habitantes não precisaria ter mais do que cinco secretários municipais que, junto com seu chefe de gabinete, somariam, no máximo dez CCs. Na mesma linha, qualquer município

de até 100 mil habitantes não precisaria ter mais do que 10 vereadores, cada um com um secretário (só um) o que daria 10 CCs. Somando executivo (10 CCs) e legislativo (10 CCs) o município teria 20 CCs e só! Quem fizer isso será abraçado pela população e pela sociedade. A “classe política” dirá: “mas isso é impossível! ”... Bem, então façam o impossível! Se não fizerem o impossível, a sociedade, logo ali na frente, fará “o possível”, que é derrubá-los nas urnas e dragá-los para o inferno.